

Michael Gibson/Paramount+

**Rob Kazinsky e
Omari Hardwick em
Star Trek: seção 31**



Fotos: Jan Thijs/Paramount+

**Diretor Olatunde
Osunsanmi no
set de Star Trek:
seção 31**



**Michelle Yeoh em
Star Trek: seção 31**

parte da cultura há décadas e tem fãs em todo o mundo”, reflete o ator.

O novo filme entra em um espaço interessante dentro dessa história, justamente por não seguir a narrativa natural de Star Trek. “Esse filme é sobre pessoas diferentes, que não se sentem incluídas nos moldes tradicionais. Elas ainda querem que o Universo seja melhor, só não tem o que é preciso para serem oficiais em uma nave. No entanto, isso não faz delas pessoas menores, apenas mostram saídas distintas para o mesmo fim”, explica Kurtzman. “Os próprios fãs de Star Trek se sentem, às vezes, de fora e buscam se encaixar como as figuras da longa”, avalia. “A própria franquia deu a elas a esperança que queriam. É uma história que mostra que está tudo ok pensar e enxergar o mundo de forma diferente para os personagens e para os fãs”, conclui o produtor.

Um futuro melhor

As aventuras e as batalhas espaciais sempre foram o chamariz para Star Trek, mas essas luzes e cores são como uma “nave de Troia”. Ou seja, encapsulam a verdadeira motivação da saga, que está em uma mensagem presente desde os primeiros seriados nos anos 1960. “Estamos falando do sonho de Gene

Roddenberry, criador da saga, na qual as pessoas vivem em um futuro em que as coisas que nos dividem hoje não são mais um problema”, crava Kurtzman.

Star Trek fala de um futuro melhor em que as diversas espécies espalhadas pelo Universo não se dividem por raça, cor, crença, religiosa, gênero ou qualquer outra questão que gere preconceito na atualidade. Isso é o que as histórias querem transmitir. “Queremos esse mundo em que não faça a diferença qual a sua cor, o seu credo, todo mundo pertence em plena capacidade”, pondera Omari Hardwick, que dá vida a Alok Sahar no filme.

O ator acredita que essa tem que ser a luta de todos. “Desde que você consiga entrar, você vai caber. No momento em que você entrar, ninguém vai te empurrar para fora. A porta desse elevador vai fechar e só tem um destino: para cima”, pontua. “É muito legal ver que os fãs estão no mesmo movimento que nós acreditamos, vamos todos juntos para um lugar melhor”, completa.

Afinal, o momento do mundo é de segregação, preconceito e extremismos. “Nós vivemos em um tempo em que o sistema está falhando com a gente; que o capitalismo está nos comendo vivos; que as organizações governamentais, que deveríamos confiar, são coman-

dadas por idiotas. Nos sentimentos inseguros, com os direitos básicos sendo ameaçados, em um mundo em guerra em que todos se odeiam”, analisa Robert Kazinsky, ator que interpreta Zeph. “Nós estamos vivendo no mundo da pós-verdade, onde a verdade não existe mais por si só. Se você repetir a mesma coisa em voz alta muitas vezes, ela se torna a verdade, mas vem Star Trek e mostra um mundo que a verdade importa”, contrapõe.

O ator acredita que a saga representa o desejo da imensa maioria das pessoas em relação ao que é um mundo melhor. “Eu tenho certeza que mais de 99,99% das pessoas sonham com um mundo da verdade e da gentileza em que a gente evoluiu e não tem mais todos esses preconceitos que nos dividem atualmente”, pontua.

Dessa forma, esse movimento começa pelos fãs que são responsáveis por fazer essas produções. “Entramos em projeto que prioriza a diversidade na frente e atrás das câmeras, o que é super importante. Então estamos empolgados”, conta Kacey Rohl, atriz que interpreta Rachel Garrett, que sabe que toda essa mensagem tem que ser carregada com apreço. “Não é uma responsabilidade que se brinca. Star Trek tem um grande legado e nós o estamos continuando”, finaliza.